

## O IDOSO EQUILIBRISTA: A TEMÁTICA DA MORTE EM NARRATIVAS DE HUMOR E DE DRAMA NAS SÉRIES DE TV

Valmir Moratelli<sup>1</sup>  
Tatiana Siciliano<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho pretende discutir aspectos da construção da narrativa audiovisual na ficção seriada, a partir de representações de personagens idosos e sua relação com a temática da possibilidade da morte. O recorte utilizado é a primeira temporada da série *Os Experientes*, produção dramática de 2015 realizada pela TV Globo; e na primeira temporada da série norte-americana de humor *The Kominsky Method* (O Método Kominsky), criada por Chuky Lorre e original da Netflix de 2018. Ao se levantar aspectos narrativos dessas produções, debate-se de que forma são construídos os discursos sobre novos aspectos da vida social dos idosos.

**Palavras-Chave:** Velhice; Narrativas Audiovisuais; Ficção Seriada.

### THE OLDER TIGHTTROPE WALKER: THE THEME OF DEATH IN HUMOR AND DRAMA NARRATIVES IN TV SERIES

### ABSTRACT

This study looks into aspects of the construction of audiovisual narrative in serial fiction based on representations of elderly characters and their relation to the possibility of death. The case studies used are the first season of the series *Os Experientes*, 2015 dramatic production by TV Globo; and in the first season of the humor American series *The Kominsky Method*, an original 2018 Netflix production. In exploring the narrative aspects of these productions, we discuss how the discourses about new aspects of the social life of the elderly are constructed and represented.

**Keywords:** Old age; Audiovisual Narratives; Serial Fiction.

### INTRODUÇÃO

“A vida é um milagre. / Cada flor, / Com sua forma, sua cor, seu aroma, / Cada flor é um milagre.(...) O espaço, infinito, / O espaço é

<sup>1</sup> É doutorando em Comunicação pela PUC-RJ. Mestre em Jornalismo pela PUC-RJ e graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela UFRJ. Já atuou em redações de alguns dos principais veículos de imprensa do país. É autor do livro *O Que as Novelas Exibem Enquanto o Mundo se Transforma* (2019), baseado na sua pesquisa de mestrado.

<sup>2</sup> Pós-doutora em Sociologia pela UFRJ-IFCS (2012/2013). É professora do quadro principal do Departamento de Comunicação da PUC-Rio e Coordenadora de Graduação. Lidera o grupo de pesquisa “Narrativas da vida moderna na cultura midiática: dos folhetins às séries audiovisuais”. É pesquisadora da rede OBIT.

um milagre. / O tempo, infinito, / O tempo é um milagre. / A memória é um milagre. / A consciência é um milagre. / Tudo é milagre. / Tudo, menos a morte. / – Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres!”  
Manoel Bandeira

“A morte vem de longe/ Do fundo dos céus/ Vem para os meus olhos/  
(...) Chega impressentida/ Nunca inesperada/ Ela que é na vida/ A grande esperada!/ A desesperada (...)/ Do amor fraticida/ Dos homens (...)/  
Que matam a morte / Por medo da vida”. Vinicius de Moraes

“Eu acho que todo mundo que chega nessa fase da vida.. Na velhice... Na velhice mesmo. Em algum momento se pergunta: o que é que eu ainda estou fazendo aqui?” abertura do 2º episódio de *Os Experientes*

A pergunta da abertura do segundo episódio da série *Os Experientes*, “o que eu ainda estou fazendo aqui?” coloca em perspectiva uma temática pouco discutida na ficção seriada: a questão da finitude, a passagem do tempo e o temor da velhice, não apenas pelas limitações, mas pelo espectro da morte. Embora não se saiba quando ela vai chegar, a morte é a “grande esperada” (termo cunhado pelo poeta Vinicius de Moraes no poema *A Morte*, de 1954) e temida, por indicar o “fim de todos os milagres”. Quanto mais a idade avança, mais os sujeitos se equilibram no fio da vida, sentindo que a cada instante podem tombar para o abismo desconhecido da morte. Pretende-se, neste trabalho, discutir aspectos da construção da narrativa ficcional sob um prisma temático: a velhice sob a perspectiva da finitude. Assim, indaga-se de que forma a figura do velho – homem ou mulher – e os dilemas do envelhecimento como a ameaça da finitude e as limitações etárias são retratados na ficção seriada televisiva, sabendo-se que esta temática é referenciada como uma exceção nestes meios.

Entendemos o termo “televisiva” enquanto linguagem que pertence tanto ao sistema de transmissão analógico quanto digital, pois uma obra de ficção televisiva, hoje, não se limita apenas a um meio, visto que a convergência de mídias (JENKINS, 2009) promoveu uma expansão do conteúdo ficcional. Entendemos, assim como Castellano e Meimaridis (2016), que as empresas que oferecem serviços de streaming, como a Netflix, compram de outras produtoras ou produzem séries “se relacionam diretamente com os formatos tradicionais da televisão”, fato que, “ao contrário de romper com esse padrão, colabora para o seu fortalecimento” (2016, p. 198).

Para isso, são analisados aspectos da primeira temporada da série dramática *Os experientes*, com maior ênfase para o episódio “O primeiro dia”, produção de 2015

realizada pela TV Globo, e em exibição permanente na GloboPlay; e da primeira temporada da série norte-americana *O método Kominsky*, produção de 2018 original da Netflix. Em ambas as produções<sup>3</sup>, há personagens idosos, em geral com vida profissional, social e amorosa ativas.

O foco do artigo não é, entretanto, uma discussão sobre a construção de cada personagem inserido em sua complexidade de raça, etnia, gênero, classe social – ainda que também seja relevante para outras futuras análises. Mas sim o contexto narrativo no qual a temática abordada se insere. Ou seja, a essência deste artigo reside na discussão da construção de identidades de velhice no que tange à compreensão da finitude da vida (ELIAS, 2001; ARIÈS, 2003).

A dificuldade de compreensão a respeito dos dilemas dos idosos por parte dos mais jovens é algo que inquieta Elias (2001). O autor aponta que vários de seus conhecidos, ao saberem que nadava com regularidade e que apresentava boa desenvoltura física, diziam: “Impressionante! Como você ainda consegue se manter saudável? Na sua idade?”, ou “Você ainda nada? Que maravilha!”. Diante dessas observações, Elias (2001) refere:

(...) Sinto-me um equilibrista, familiarizado com os riscos de seu modo de vida e razoavelmente certo de que alcançará a escada na outra ponta da corda, voltando tranquilamente a seu devido tempo. Mas as pessoas que assistem a isso de baixo sabem que ele pode cair a qualquer momento e o contemplam excitadas e um tanto assustadas (2001, p. 81).

A imagem circense do equilibrista aponta seu contato com os limites do envelhecimento e da proximidade – certamente maior do que a dos mais jovens – com a própria morte. Este outro “olhar” para o velho passa notadamente por uma ressignificação. Assim sendo, ressalta-se que:

(...) [as identidades] surgem da narrativização do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de

---

<sup>3</sup> As séries se encontram disponíveis em plataformas de streaming: Netflix e GloboPlay. Na primeira, somam-se 3.339 filmes e 1.082 séries produzidos ou apenas distribuídos pela Netflix na América Latina (análise dos autores em maio de 2019). Na segunda, há 144 séries entre produções próprias e compradas. Desse total, foram identificados na Netflix apenas três séries com idosos protagonistas: *Grace & Frankie*, *O Método Kominsky* e *The Good Place*. Na GloboPlay, tem-se: *Os experientes*, *Doce de mãe* e *Lara com Z*.

pertencimento, ou seja, a “suturação à história” por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático. (HALL, 2000, p. 109)

A hipótese é de que esta temática, aqui enquadrada na classificação de exceção por ainda experimentar raros exemplos de abordagem aprofundada na teledramaturgia nacional, precisa abrir novas possibilidades de enxergar a velhice em sua plenitude de identidade, o que romperia limitações historicamente construídas. A respeito dos termos que remetem à velhice, diz-se que:

(...) meia-idade”, “terceira idade”, “aposentadoria ativa” são categorias empenhadas na produção de novos estilos de vida e na criação de mercados de consumo específicos. Rompendo com as expectativas tradicionalmente associadas aos estágios mais avançados da vida, cada uma destas etapas passa a indicar, a sua maneira, fases propícias para o prazer e para a realização de sonhos adiados em momentos anteriores. (DEBERT, 1999, p. 103)

Dessa forma, percebe-se que as transformações nas formas de “nomear a velhice (...) em diferentes períodos históricos iluminam o ponto de partida da reflexão sociológica sobre o tema, que considera que a velhice é uma construção histórica e social” (DEBERT, 2011, p. 546). Os exemplos escolhidos não esgotam o tema, ainda que sejam recortes de um material complexo e que não encontra tantas análises nos estudos culturais.

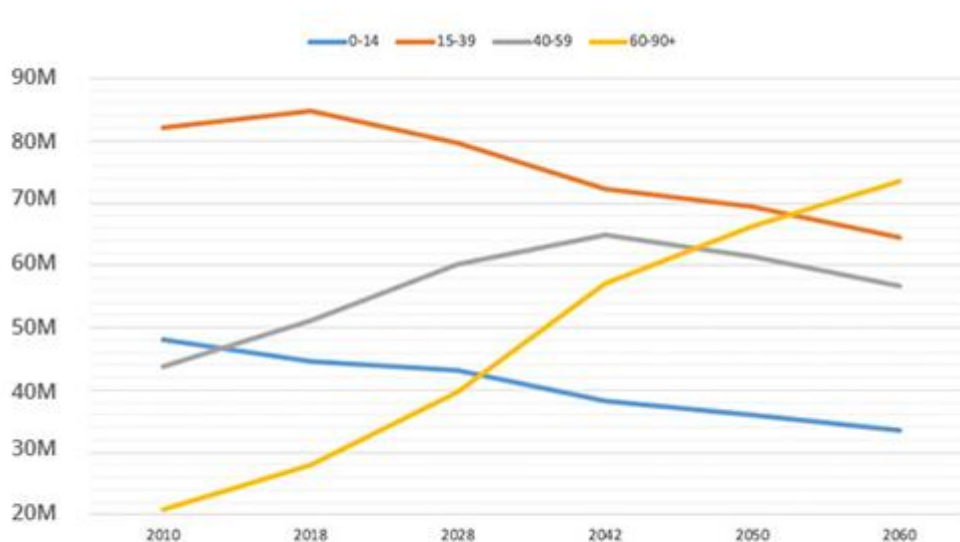
Este texto é parte de uma pesquisa de doutorado, iniciada em 2019 e, portanto, em pleno curso. Nesse sentido, a metodologia compila base teórica e informações, além de interpretar narrativas para costurar o ainda pouco explorado tema dos significados sociológicos da velhice situada na narrativa ficcional. Sobretudo, definimos o contexto contemporâneo como sendo intrinsecamente contraditório – ou de transição – por se valer de normas que priorizam tudo que remete à juventude, ainda que a população média nacional tenda a um envelhecimento.

## **INTERPRETAÇÕES SOBRE A VELHICE**

O número de brasileiros com mais de 60 anos chegou a 30,2 milhões em 2017, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) divulgada pelo IBGE. Um ano antes, eram 29,56 milhões e, em 2012, 25,4 milhões – ou seja, em cinco anos, o país ganhou 4,8 milhões de idosos, um acréscimo de 19%. A tendência é

que o envelhecimento da população acelere de forma a que, em 2031, o número de idosos supere o de crianças e adolescentes de 0 a 14 anos. As mulheres são maioria expressiva nesse grupo, com 16,9 milhões (56% dos idosos), enquanto os homens idosos são 13,3 milhões (44% do grupo). No outro lado da pirâmide, nos últimos cinco anos, a parcela de crianças de 0 a 9 anos de idade no total da população caiu de 14,1% para 12,9%, de acordo com dados também do IBGE<sup>4</sup>.

**Gráfico: Evolução da população brasileira por faixa etária**



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Para avançarmos, é necessário também compreender a definição prática do termo “idoso”. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>5</sup>, idoso é todo indivíduo com 60 anos ou mais. Todavia, para efeito de formulação de políticas públicas, esse limite mínimo varia segundo as características (cultura, demografia, expectativa de vida etc) de cada país. A própria OMS reconhece que, qualquer que seja o limite mínimo adotado, é importante considerar que a idade cronológica não é um marcador preciso para as alterações que acompanham o envelhecimento, podendo haver

<sup>4</sup> Ver mais em < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>>. Acesso em 08/10/19.

<sup>5</sup> Ver mais em < <http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-da-pessoa-idosa>>. Acesso em 10/09/19.

variações quanto a condições de saúde, nível de participação na sociedade e nível de independência entre as pessoas idosas, em diferentes contextos. O Brasil acompanha a diretriz da OMS<sup>6</sup>, pois na legislação brasileira é considerada idosa a pessoa que tenha 60 anos ou mais.

Na maioria dos países, o pagamento da aposentadoria começa aos 60 anos para as mulheres e aos 65 para os homens. Daí, sob o ponto de vista econômico, a velhice, também chamada de Terceira Idade, inicia aos 60 anos. Sob o ponto de vista biológico, os geriatras dividem as idades em: Primeira idade: de 0 a 20 anos; Segunda idade: de 21 a 49 anos; Terceira idade: de 50 a 77 anos; Quarta idade: de 78 a 105 anos. Há também uma outra classificação para os idosos em três ramos: idoso jovem, dos 66 aos 74 anos; idoso velho, dos 75 aos 85 anos; dos 86 em diante ocorre a manutenção pessoal.

Tal como as categorias etárias, étnicas, raciais ou de gêneros, a velhice “é uma forma de segmentar e classificar uma população, mas também de construir uma hierarquia entre diferentes segmentos assim constituídos” (DEBERT, 2011, p. 547). Em um período em que se debate a Reforma da Previdência<sup>7</sup>, e uma maior flexibilidade nas leis trabalhistas no país, o idoso vem a ser pauta central no âmbito público.

Ainda assim, ignora-se a representação desse Brasil que tem envelhecido, o que implicará novas políticas públicas para o bem-estar social. Sendo a realidade socialmente construída (BERGER, LUCKMANN, 2004), compreende-se um tema tabu como aquele que foge à regra das representações comuns (HALL, 2003) e aceita a uma maioria. Em outras palavras, “existe uma necessidade contínua de reconstruir o senso comum ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar” (MOSCOVICI, 2003, p. 48).

---

<sup>6</sup> O assunto, entretanto, ainda gera discussão no âmbito jurídico. Ver mais em <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/09/justica-determina-que-terceira-idade-no-rj-volte-a-ser-65-anos.ghtml>>. Acesso em 10/09/19.

<sup>7</sup> O texto da Reforma defende que as mulheres terão direito de se aposentar com 100% do benefício após 35 anos de contribuição ao INSS. Para os homens, será preciso contribuir por 40 anos para obter os 100% do benefício. Além disso, a reforma determina que, para ter direito à aposentadoria, homens precisam ter, no mínimo, 65 anos de idade e 20 anos de contribuição, e mulheres devem ter, pelo menos, 62 anos de idade e 15 de contribuição. Mais informações em <<https://www.brasil.gov.br/novaprevidencia/>>.

A velhice é, quase sempre, representada em oposição à juventude, frente a qual perde valor. A orientação para o futuro, o progresso, o vigor e a capacidade de aprendizado são considerados valores juvenis, e por isso não pertencentes aos indivíduos envelhecidos. Se por um lado, a formação de estereótipos simplifica a realidade, por outro, hiper simplificam-na, levando muitas vezes a uma ignorância acerca das características para minimizar diferenças individuais entre membros de um determinado grupo. Os estereótipos estão presentes no cotidiano e são disseminados nos mais diversos formatos e veiculações midiáticas. Baccega (1998) aponta que “o estereótipo, assim como o conceito, é um reflexo/refração específica da realidade – ou seja, reflete com desvios, como um lápis que, colocado em um copo de água, “entorta” –, mas o estereótipo comporta uma carga adicional do fator subjetivo, que se manifesta sob a forma de elementos emocionais, valorativos” (1998, p. 10). Assim, a representação dos velhos como frágeis, lentos, desprovidos de recursos, dependentes, ultrapassados, desleixados se manifesta como “uma carga negativa” dissimulada (1998, p. 10).

Diante várias vertentes que permeiam o universo do idoso, fiquemos, pois, com a questão da morte. Não vamos nos prolongar sobre as diversas alterações sobre a compreensão da morte ao longo da história do Ocidente, já tão bem detalhada por Ariés (2003). Conforme o autor refere:

(...) Durante a segunda metade da idade média, do século XII ao século XV, deu-se uma aproximação entre três categorias de representações mentais: as da morte, as do reconhecimento por parte de cada indivíduo de sua própria biografia e as do apego apaixonado as coisas e aos seres possuídos durante a vida. A morte tornou-se o lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo (2003, p. 58).

Assim, coloca-se a seguinte questão: sabendo que o contexto histórico, social e cultural impacta no surgimento de novas formas de identidade da velhice e a noção de pertencimento se relaciona com o surgimento de novas sociabilidades, como a noção de morte na velhice é construída pela teledramaturgia atual?

Em relação ao contexto contemporâneo vive-se, como aponta Faleiros (2014), em um cenário no qual surgem novos desafios no qual implica-se a política neoliberal de adiamento e redução da aposentadoria somada ao envelhecimento da população, com o avanço da medicina que resultou no aumento da longevidade e no desbalanceamento

demográfico entre jovens contribuintes e idosos pensionistas. E a teledramaturgia não costuma trazer com frequência esses dilemas do envelhecimento, embora esteja se tornando um pouco mais sensível ao tema.

Em pesquisa realizada para este trabalho, percebeu-se que as séries disponíveis nas plataformas *streaming* Netflix e GloboPlay contam com pouquíssimas produções protagonizadas por idosos, embora já conte com algumas na lista. Gisela Castro (2015) sugere que estamos experimentando uma transição no tratamento dispensado pela teledramaturgia ao envelhecimento. Posto isso, é notório que o tabu que concentra as temáticas “idosos” seja quebrado recentemente, ainda que de forma primária, por produções que destoam de todo o conjunto até então produzido. É o caso das duas séries que analisaremos aqui.

*Os Experientes* e *O Método Kominsky* apostam mais no tom da ironia do que da melancolia<sup>8</sup>, em seus diálogos e nas suas tramas. A observação da atmosfera irônica ultrapassa a literalidade do roteiro, mostrando-se presente em outros aspectos da linguagem audiovisual, como as expressões faciais e corporais na interpretação dos atores nas cenas, enfatizados pelos movimentos de câmera e os ruídos e elementos sonoros. Assim, pode-se dizer que a voz do “locutor”, como diz Ducrot (1984, p. 193), sustenta o enunciado como um todo. A ironia, por sinal, ultrapassa o modo de comunicação, pois chama a atenção de alguém “para o que está sendo dito, pelo jogo que o uso do fenômeno linguageiro”, como atesta Machado, a partir da teoria polifônica<sup>9</sup> de Bakhtin (1999). Age como “um jogo de captação, logo, [uma] estratégia argumentativa” (MACHADO, 2014, p.117).

Analisemos a seguir os objetos escolhidos como aporte para discussão sobre a velhice sob dois pontos de vista, do drama e da comédia.

## O DRAMA EM OS EXPERIENTES

<sup>8</sup> A abordagem psicanalítica da melancolia tem como ponto inaugural o artigo de Freud “Luto e melancolia”, publicado em 1917, ou seja, já relacionado a questões da morte.

<sup>9</sup> Em linguística, polifonia é, segundo Mikhail Bakhtin a presença de outros textos dentro de um texto, causada pela inserção do autor num contexto que já inclui previamente textos anteriores que lhe inspiram ou influenciam.



Na primeira temporada da série *Os Experientes* (2015), da TV Globo<sup>10</sup>, quatro histórias independentes narram os dilemas sobre envelhecer e, a partir daí, se redescobrir e se reinventar. Entre os atores escalados para os papéis principais estão Beatriz Segall [1926-2018], Juca de Oliveira [1935- ] e Selma Egrei [1949-]. Conforme aponta a crítica de TV Fernanda Furquim, da revista *Veja*, esta série é “uma proposta ousada, se considerarmos o fato de que a televisão (mundial) enaltece a juventude” (2019)<sup>11</sup>.

Diante da vastidão de temas que percorrem o universo da velhice, recorremos a das reflexões centrais de Debert (1999), que indaga de que modo os meios de comunicação “como construtores de mundo, por meio da linguagem, das escolhas e representações de pessoas e coisas”, auxiliam na “reprivatização da velhice [que] desmancha a conexão entre idade cronológica e valores e comportamentos considerados adequados às diferentes etapas da vida” (DEBERT, 1999, p. 65-67).

Para melhor compreender como a temática da finitude da vida se insere nas narrativas individuais desta série analisada, visto que cada episódio é independente, foi organizada uma tabela indicando a sinopse central apontada pela própria produção e, em seguida, a temática central do protagonista. A morte é um assunto recorrente nos quatro episódios, ainda que não seja dito de forma explícita que seja este o mote principal da série. Vejamos, pois:

**Tabela: Temas de *Os Experientes***

Título do episódio	Ator/atriz principal e idade*	Sinopse	Temática central
Ep. 1 “Assalto”	Beatriz Segall	Yolanda é uma das reféns de um ladrão de banco (João Cortês) e, sem medo de <b>morrer</b> , ajuda a polícia a resolver o caso. Conversando com o bandido, ela descobre que ele não é tão malvado quanto parece. Já ele acaba percebendo que Yolanda não é a velhinha	Prováveis fragilidades vindas com a idade

<sup>10</sup> Produção da O2, do cineasta Fernando Meirelles, em parceria com a TV Globo. Com roteiro de Antonio Prata (o primeiro episódio) e de Marcio Alemão Delgado (os outros três) e direção dividida entre Meirelles e o filho Quico, a série foi ao ar naquele que é considerado o pior horário da linha de shows da emissora – sextas-feiras, depois do Globo Repórter. Obteve audiência razoável, entre 12,7 pontos (na estreia) e 11,8 (no dia 24/04/2015). Atualmente disponível no *streaming* GloboPlay.

<sup>11</sup> Disponível em <https://veja.abril.com.br/blog/temporadas/opiniao-8216-os-experientes-8217/> Acesso em 22/09/19.

	88 anos	indefesa que aparenta ser.	
Ep. 2 “Atravessadores do samba”	Goulart de Andrade  82 anos	Um grupo de septuagenários se apresenta em pequenos eventos e tenta recomeçar após a <b>morte</b> de um dos membros.	O recomeço após a morte de um ente querido
Ep. 3 “O primeiro dia”	Juca de Oliveira  80 anos	O advogado Napoleão Roberto vai ao médico, doutor Pricolli (Lima Duarte), e descobre que tem uma <b>doença terminal</b> . Decide, então, reencontrar o filho, Luiz (Dan Stulbach), com quem tinha perdido contato.	A aproximação da morte devido a uma doença incurável
Ep. 4 “Folhas de outono”	Selma Egrei  66 anos	Francisca é uma recém-viúva que quer curtir a liberdade após a <b>morte</b> do marido e se descobre na melhor fase da vida. Vai precisar lidar com o conservadorismo de um dos filhos.	A descoberta da bissexualidade na velhice, após a viuvez

\* Idade dos artistas no momento em que gravaram os episódios. Fonte: Análise dos autores

No episódio “Assalto”, a morte está presente na iminência de um desfecho padrão para uma situação-limite de sequestro. A protagonista é feita refém e, a qualquer momento, ela pode ser vítima de uma bala do sequestrador ou da própria polícia, já que se mantém na linha de tiro de ambos. A refém vai aos poucos se mostrando uma hábil negociadora, ao contrário do que os demais possam imaginar de uma senhora aparentemente frágil e assustada. Estar diante da possibilidade de finitude da vida lhe mostra uma energia como poucos. Em “Atravessadores do samba”, um grupo de músicos idosos precisa se dar apoio para continuar cantando, após a partida de um dos amigos. O sociólogo Norberto Elias, em *A solidão dos moribundos* (2004), nota que: “A morte é um problema dos vivos”. Esta frase cai perfeitamente como análise-síntese dessa narrativa. A mensagem do episódio é que é preciso lidar com a morte como um problema, enfrentá-la e seguir adiante se quiser se manter vivo.

Já em “O primeiro dia” é, de novo, a possibilidade vindoura da morte que faz o protagonista agir e procurar seu filho, com quem mantinha distância após brigas do passado. É a morte quem, mais uma vez, provoca a ação. Por fim, o quarto episódio, “Flores de outono”, no qual a atriz Selma Egrei vive Francisca, uma mulher que tenta reconstruir a vida após a morte do marido. Mãe de Daniel (Eucir de Souza) e Neide (Silvia Lourenço), fica viúva após 45 anos de casamento. No dia do enterro do marido, ela sai com a amiga Mary (Anamaria Barreto) decidida a comprar camisolas “sexys, leves e transparentes”, uma vez que o falecido só a deixava usar pijamas. Durante o luto, Francisca descobre a traição do então companheiro ao ler cartas que ele trocava com uma amiga do casal. A viúva encontra apoio na vizinha, a artista Maria Helena (Joana Fomm), que acabou de perder a mãe e acaba por se envolver afetivamente com ela e assumir o compromisso perante a família.

Fiquemos, como recorte de análise, com o terceiro episódio, por tratar do aspecto da morte de forma mais nítida. É notório perceber como a morte, neste caso, é encarada como uma possibilidade real de novos rumos na vida do protagonista. É um episódio que retrata a finitude da vida do ponto de vista de suas múltiplas reinvenções. O ponto instigante da trama está na relação conflituosa com o filho. É a possibilidade da morte que move a ação do episódio, quem carrega o protagonista a procurar remexer em seu passado e tentar alterar os conflitos com o a família.

**Foto 1: Elenco protagonista de *Os Experientes***



Fonte: Reprodução do site <<https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/critica-de-tv/2015/05/os-experientes-termina-e-deixa-vontade-de-querer-mais>>. Acesso em 08/10/19.

Fica nítida nesta série a opção por tratar o idoso como alguém livre. Ao romper a limitação da dependência do outro, o idoso encontra saídas para suas aflições. De acordo com Elias (2001), “perseguir os próprios interesses – vistos isoladamente – parece então a coisa mais sensata e gratificante que uma pessoa poderia fazer. Nesse caso, a tarefa mais importante da vida parece ser a busca de sentido apenas para si mesmo, independente das outras pessoas” (2001, p. 18). Elias também propõe que não é de surpreender que as pessoas que procuram essa espécie de sentido achem absurdas suas vidas:

(...) Raramente, e com dificuldade, as pessoas podem ver a si mesmas, em sua dependência dos outros – uma dependência que pode ser mútua–, como elos limitados na cadeia das gerações, como quem carrega uma tocha numa corrida de revezamento, e que por fim a passará ao seguinte. No entanto, o recalçamento e o encobrimento da finitude da vida humana individual certamente não é, como às vezes se diz, uma peculiaridade do século XX. É provavelmente uma reação tão antiga quanto a consciência dessa finitude, quanto o pressentimento da própria morte. (2001, p. 18)

As novas representações, para usar um termo de Goffman (2002), que o idoso faz da sua vida a partir dessa compreensão de que há outros caminhos ainda a percorrer é que denota *Os Experientes* como sendo de uma exceção interessante na narrativa ficcional televisiva. Sendo a vida social compreendida como um palco em que se encenam papéis sociais diversos, de modo que o indivíduo não é o mesmo em todas as circunstâncias (GOFFMAN, 2002), o idoso também pode se permitir uma outra interação social, de acordo com suas demandas particulares. É o controle deste jogo que está em discussão. Nas palavras do pesquisador em educação Tomaz Tadeu da Silva (2000):

(...) o reprimido tende a voltar – reforçado e multiplicado. E o problema é que esse “outro”, numa sociedade em que a identidade torna-se, cada vez mais, difusa e descentrada, expressa-se por meio de muitas dimensões. O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outra é a outra nacionalidade, o outra é o corpo diferente. (2000, p. 96)

Para efeito de comparação, no quarto episódio de *Os Experientes*, este “outro”, ou ainda o velho, dribla a morte agindo com a naturalidade da vida, se permitindo seguir seu rumo, sem tomar para si que a categoria de velhice à qual pertence lhe proporciona

apenas uma finitude de práticas sociais e ações pessoais. A protagonista rumo para uma outra sexualidade até então desconhecida na prática. Já no episódio “O primeiro dia”, a morte não é driblada, mas encarada como uma etapa, por isso o necessário acerto de contas com o passado.

Um aspecto fundamental nos quatro episódios do seriado brasileiro é a posição do idoso como protagonista. Além disso, a atuação do personagem não é reduzida à sua faixa etária, o rotulando com as “fragilidades” do ciclo de vida terminal e nem é apresentada em um tom melodramático. O velho interfere em assalto, muda de orientação sexual, se une para continuar a seguir mesmo com as perdas e tenta reconstruir sua história passada a partir dos acontecimentos presentes, mesmo que não conte com o tempo a seu favor. Mas, até por não ter mais tempo a perder e estar consciente dos imperativos da natureza, usa o humor na construção de um sentido para si. Os atores e atrizes, todos na terceira idade, não apenas atuaram, mas se sentiram representados pela ficção. Selma Egrei, em entrevista ao portal UOL<sup>12</sup>, reforça a importância de séries ficcionais que tragam o velho para o centro da discussão:

(...) Esse seriado foi um presente para todos nós. Em geral, se chega a terceira e só sobram personagens secundários – a avó, a tia, a mãe - e nem sempre são bem desenvolvidos. No seriado, somos protagonistas, isso é uma exceção, mas gostaria que abrisse caminho no cinema, na televisão. Que enxergassem as pessoas com idade avançada como algo que valesse a pena a acompanhar como personagem, história, que têm muito a ensinar. Espero que abra caminhos (EGREI, 2015).

O terceiro episódio de *Os Experientes* – “O primeiro dia” – é escrito por Marcio Alemão Delgado e Antônio Prata e dirigido por Fernando Meirelles, Quico Meirelles e Gisele Barroco. O tema central parte de um “acerto de contas com o passado”, como enfatizou o diretor geral da série Fernando Meirelles, é algo intrínseco ao processo de envelhecimento. É na proximidade da morte, que o vazio da existência se sobrepõe e o sujeito dá conta de sua própria “desimportância e transitoriedade” e permite que os muros do orgulho e da vaidade sejam transpostos. Nas palavras do cineasta: “quando esta sensação bate forte todas as frescuras do ego ou o impulso para dar chilique perdem

<sup>12</sup> Disponível em <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2015/04/10/serie-os-experientes-tira-das-sombras-e-da-foco-a-veteranos.html>. Publicado em 10/04/2015. Acesso em 29/09/19.

o sentido. Acho que saber que somos quase nada é o que nos torna tolerantes e nada como a idade para fazer com que esta ficha caia”.<sup>13</sup>

Com uma abordagem já bastante difundida no cinema e até mesmo na telenovela, o advogado Napoleão Roberto (Juca Oliveira) “vê” a morte. Com aspas, porque é uma possibilidade finalmente real em sua vida, no momento em que, ao ir ao médico, descobre que tem uma doença terminal. Só assim decide reencontrar o filho, Luiz (Dan Stulbach), com quem tinha perdido contato. A tolerância defendida por Meirelles, diretor e idealizador da obra, é embasada aqui, portanto, pela finitude da vida. O passado precisa então de uma nova compreensão para que se chegue a um ponto final. A morte ajuda a apaziguar as arestas. É ela quem, mais uma vez, dita a ação dos personagens. Ao contrário de um tom de melancolia, o que se compreende é mais uma possibilidade de reconstrução da vida, que passa a não se encerrar com a perspectiva da morte, afinal, resta sempre a memória.

*(Pai e filho estão no escritório conversando)*

**Luiz:** Desculpa, mas o que você queria falar comigo?

**Napoleão:** Não deixe que enfiem algodão no meu nariz.

**Luiz:** Quando?

**Napoleão:** A qualquer hora! Mas principalmente quando eu morrer.

**Luiz:** Eu não acredito. Era isso que você queria falar comigo?

**Napoleão:** Vamos indo. Chama a Negra para fechar a porta.

**Luiz:** Pai, você continua racista e preconceituoso?

**Napoleão:** A Negra está comigo há mais de quarenta anos!

**Luiz:** Pai, você continua racista e preconceituoso?

**Napoleão:** A Negra está comigo há mais de quarenta anos!

**Luiz:** E daí? Isso não te dá o direito de falar assim.

**Napoleão:** Negra Creuza e o velho Napoleão estão convivendo no mesmo ambiente com o mais profundo respeito, eu repito, há mais de quarenta anos.

**Luiz:** Tá bom, tá bom. Vou indo.

**Napoleão:** Vamos juntos. Mas temos que avisar a Negra.

**Luiz:** Creuza, estamos saindo!

Neste trecho acima, como em outros momentos do roteiro, a ironia (MACHADO, 2014) marca o tom das falas dos personagens ao se inserir a morte na conversa. Há ainda, nitidamente, uma diferença de visões de tratamento conferida entre pai e filho, marcando também uma oposição de comportamento, de visão de mundo e relação com a alteridade. Ainda assim, opta-se por abrir mão da melancolia e se tratar

<sup>13</sup> Em entrevista dada ao *Jornal Folha Vitória*. Disponível em <<https://www.folhavoria.com.br/entretenimento/noticia/04/2015/dirigida-por-fernando-meirelles-serie-os-experientes-estrea-na-globo>>. Acesso em 29/09/19.

de um tema denso de forma mais sarcástica. É uma solução narrativa que permite imprimir outro viés ao universo da morte na velhice.

Aliás, a ironia está presente desde a chamada de abertura de cada um dos episódios<sup>14</sup>. O início de “O primeiro dia” traz closes das faces e partes do corpo dos personagens idosos, ressaltando as marcas do tempo: rugas faciais, cabelos ralos e barba branca. É como um álbum de fotografias que vai, pouco a pouco, revelando os fotografados. Há também objetos como óculos e bengala, que remetem à velhice. Um fundo musical de violão embala a mensagem narrada em off por um locutor homem, que diz: “Muita gente costuma matar os velhos de véspera. Isso é uma grande besteira. Porque o mais importante da vida, muitas vezes, pode acontecer no fim dela. E ninguém sabe quando ele virá”. O enunciado reforça o protagonismo do velho na trama. O seu tempo é hoje e o evento mais importante de sua vida não está, necessariamente, associado aos tempos de juventude. Pode ocorrer no final de sua vida.

#### **O HUMOR EM O MÉTODO KOMINSKY**

Para Elias (2001), “a morte não é terrível, passa-se ao sono e o mundo desaparece, mas o que pode ser terrível na atualidade é a dor dos moribundos, bem como a perda de uma pessoa querida sofrida pelos vivos” (2001, p. 76). Fazer dessa dor uma reviravolta para uma guinada ou lidar com a morte como quem recebe um convite para embarcar na mesma? É uma questão que muitos acabam tendo que se esbarrar em algum momento da vida, independentemente da faixa etária. Na velhice, entretanto, a finitude do caminho a percorrer parece avisar que o precipício vem chegando logo após a próxima curva. Entender esta fase da vida além de um conformismo banal, abrangendo toda a complexidade humana, é o desafio que se propõe olhar a velhice.

Na série estadunidense *O Método Kominsky*, Sandy Kominsky (Michael Douglas) é um ator que já foi bastante celebrado, mas agora vive em pleno ostracismo. Ele passa seus dias ensinando seu tal método Kominsky de atuação em aulas de interpretação, enquanto não é chamado por seu agente, Norman (Alan Arkin), para um novo trabalho. Esse, no entanto, tem seus próprios problemas – está lidando com a

<sup>14</sup> Os três primeiros contam, em sua abertura, com a mesma música instrumental e imagens em sépia de velhos, que são personagens das tramas. As fotos aparecem na tela enquanto escuta-se a voz de um locutor em off. Já o quarto episódio quebra o padrão narrativo dos anteriores e inicia com Nat King Cole, em preto e branco, cantando “The Autumn Leaves”.

doença da esposa, Eileen, que vem a falecer de câncer logo no final do primeiro capítulo. Essa comédia dramática, em alguns momentos com diálogos amargos, propõe risos a respeito da morte, do tempo e, claro da velhice.

Foto 2: Reprodução da capa da série no streaming



Fonte: Reprodução de internet, diretamente da plataforma Netflix

Mais uma vez a questão da morte aparece em vários diálogos da série, reforçando que esta é uma posição inerente ao debate sobre a velhice. Há passagens de humor ácido – como a cena dos dois amigos, dentro do carro, discutindo os sons dos exames de próstata. São como esquetes, apresentadas em um formato leve, que se tornam praticamente irresistíveis mesmo se falando sobre a possibilidade de doenças trazidas pela velhice. Como no exemplo a seguir, trecho do terceiro episódio, “Uma próstata aumentada”.

*(Os dois amigos estão na varanda conversando)*

**Norman:** Quer um café?

**Sandy:** Não, não. Vai me fazer mijar.

**Norman:** É claro, é diurético.

**Sandy:** Você por acaso não teria um urologista que goste para me indicar?

**Norman:** Goste? Ninguém gosta de urologista. Mas tenho um sim.

**Sandy:** Preciso do número dele.

**Norman:** Já indiquei pra Mindy. Ela vai marcar pra você.

**Sandy:** Meus “Países Baixos” já viraram domínio público.

**Norman:** Fico feliz que você não esteja mais em negação.

**Sandy:** Norton, ontem dei um beijo de boa noite numa mulher e urinei na moita dela.

**Norman:** Como é que é?

**Sandy:** Na moita, ao lado da casa!



Norman: Ah!

Entretanto, é a oposição de visões sobre a velhice que a maior parte do roteiro se baseia. Sandy nega os fracassos de sua carreira como ator, as dificuldades de relacionamento e, principalmente, o envelhecimento. Sua tentativa de continuar jovem é, ao seu ver, uma forma de enganar a morte, o que reflete uma personalidade destemida. Por outro lado, Norman parece “aceitar melhor” seu envelhecimento. Com a morte da mulher, Norman perde o brilho da vida e passa a questionar o porquê de continuar vivendo. Dessa forma, se Sandy tem medo da morte e não aceita o envelhecimento, Norman teme a vida. A partir dessas oposições, Norman e Sandy vão trocando alfinetadas e broncas típicas de uma amizade de longa data.

O protagonista Sandy se aproxima, dessa forma, da ideia de velhice mais relacionada ao campo visual. Não na temática, posto que a velhice, conforme Debert (2003), é, mais do que qualquer coisa, uma questão de escolha:

(...) Ser velho é o resultado de uma espécie de lassitude moral, um problema de indivíduos descuidados que foram incapazes de se envolver em atividades motivadoras e adotar o consumo de bens e serviços capazes de combater o envelhecimento. A reprivatização da velhice desmancha a conexão entre a idade cronológica e os valores e os comportamentos considerados adequados às diferentes etapas da vida. (2003, p. 155)

A graça, o tom da comédia das cenas, está justamente no fato de se assistir a dois idosos falando de suas impressões acerca de doenças, mortes, filhos, sonhos, ansiedades, problemas econômicos etc. Nenhum dos temas é facilmente encontrado em comédia. Mas o humor está na forma como encaram assuntos aparentemente espinhosos.

A questão central que entremeia o campo da velhice, abordada de forma diferente tanto em *Os Experientes* quanto em *O método Kominsky* – a existência de uma vida ainda a ser vivida apesar da morte – está intimamente relacionada a uma subjetividade compartilhada pelo coletivo, que reforça preconceitos e impossibilita compreender o velho como um indivíduo dotado de experiências e apto a angariar outras. Nota-se que:

(...) os meios de comunicação participam de forma importante da constituição do imaginário social, ou daquilo que no campo da Psicologia Social se entende como as representações sociais. (...) Para pensar a candente questão do envelhecimento populacional, é preciso ir além da sua naturalização como mera decorrência da passagem do tempo no curso da vida. Considera-se indispensável atentar para a dimensão sociocultural da velhice, incluindo de modo especial a participação das imagens mediadas do envelhecimento na constituição das subjetividades contemporâneas. (CASTRO, 2015, p. 3 e 4)

Recorrendo a Hall e Woodward (2003), os processos de identificação são simbólicos e passam a dar sentido à experiência, podendo ressaltar inclusive desigualdades sociais e estigmatizar grupos excluídos. Vive-se um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento (idem, 2003, p. 34). Assim, as “identidades são contestadas. (...) A discussão sobre identidades sugere a emergência de novas posições e de novas identidades, produzidas, por exemplo, em circunstâncias econômicas e sociais cambiantes” (2003, p. 19). Ou seja, ser velho dentro das características de outrora está em processo de ressignificação.

Por isso, o reflexo desse processo em andamento é sentido nas séries aqui analisadas, ao atualizarem a visão da velhice agora no papel de protagonista das narrativas, tal como evidencia Debert:

(...) A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que esse é um momento propício para novas conquistas guiadas pela busca do prazer. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de explorar novas identidades, realizar projetos abandonados em outras etapas, estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. (2011, p. 549-550)

Assim, presume-se que *O Método Kominsky* é assumidamente uma produção inovadora, por retratar personagens que não têm medo de lidar com a velhice e, por consequência, a morte. Afinal, para que temê-la, se podemos rir dela? E ao adotar o tom irônico saímos do papel de vítimas para autores do próprio texto. A solidão parece o refúgio inevitável da velhice. Os laços de amizade são, dessa forma, a válvula de escape dessa prerrogativa. Por isso em *O Método Kominsky* a relação entre Norman e Sandy se baseia em confiança e mútua admiração. O “método” de atuação tão comentado é o olhar sobre o outro, enxergar-se no outro, perceber-se também como parte de quem nos ouve.

Se em *Os Experimentes* a morte é um convite para o protagonista mudar o rumo de sua vida, em *O Método Kominsky* ela é pretexto para reforçar laços e encarar de frente o caminho que leva todos para o mesmo abismo. Se a morte é um problema dos vivos, como aponta Elias (2001), não significa que se precise enfrentá-la a sós.

Tal como a série brasileira, a produção estadunidense propõe repensar a visão sobre idoso, desassociando-o de adjetivos como “incapaz”, “senil”, “inválido”, “antiquado”, mas alguém socialmente dotado de suas plenas capacidades. É exatamente o oposto do “movimento que marca as sociedades modernas, a partir da segunda metade do século XIX” (DEBERT, 2011, p. 549), tendo a interpretação da velhice como um processo contínuo de perdas e de dependência. Ressalta-se, porém, que esta ótica geralmente associada a imagens negativas também foi “um elemento fundamental para a legitimação de direitos sociais, como a universalização da aposentadoria” (DEBERT, 2011, p. 549).

É de se reforçar, conforme já mencionado anteriormente nas palavras de Castro (2015), a abertura ao tratamento dispensado pela teledramaturgia às narrativas sobre envelhecimento. Entretanto, a insistência sobre o patriarcado – notadamente homens brancos, ricos e privilegiados – é algo que precisa ser revisto nas produções audiovisuais. Ainda que mostre, de certa forma pouco corriqueira, como idosos do sexo masculino enfrentam a morte e outras questões humanas como solidão, declínio profissional, problemas de saúde etc; a impressão que se deixa é apenas uma nova abordagem de como enxergar os problemas do homem socialmente privilegiado. Será que o modo de envelhecer do homem negro é o mesmo? O modo de envelhecer e encarar a morte para a mulher negra, na base da pirâmide social brasileira, seria o mesmo? O envelhecimento de pessoas trans obedece ao mesmo olhar inquietante da heteronormatividade? Diante de desafios tão múltiplos, o tema da velhice permite diversos outros desdobramentos para futuros trabalhos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Segundo o IBGE, atualmente as pessoas acima dos 60 anos representam mais de 15% da população no Brasil – o que equivale a 30,2 milhões de pessoas, mais do que a população do Chile e do Uruguai juntos – e são responsáveis por 20% do consumo no país. Entre 2010 e 2050 esta faixa da população brasileira vai triplicar e, já em 2030,

ultrapassará o número de crianças com idade de 0 a 14 anos. Hoje mais de 85% do público com 60 anos ou mais tem vida ativa, controlando as próprias finanças e tomando decisões na hora da compra. O que se supõe que, até o final da próxima década, deverá ser considerado um forte mercado, segundo estimativas da Hype60+, empresa de consultoria de marketing<sup>15</sup> especializada no consumidor sênior.

Percebendo a importância de se entender esta faixa populacional que cresce no país, o presente artigo propôs debater a velhice. Optou-se por analisá-la em duas diferentes narrativas audiovisuais, um drama brasileiro e uma comédia norte-americana. Pelo certo ineditismo de se tratar o idoso como protagonista dessas histórias, reforça-se a importância de se analisar estas identidades socialmente construídas para enfrentar novos questionamentos acerca da velhice diante da possibilidade da morte, entre outros tantos aspectos.

No drama de “O primeiro dia”, terceiro episódio de *Os Experientes*, parte-se do pressuposto de que o personagem idoso precisa revisitar seu passado ao se confrontar com a possibilidade da morte. Sua atitude, entretanto, é despida da melancolia ou de conformismo, típica característica traçada em folhetins, para enxergar outras possibilidades de seguir com suas resoluções particulares. Em *O Método Kominsky*, o recurso da comédia reforça o choque inesperado de se abordar temas caros à velhice. As cenas são construídas com diálogos de humor ácido, agregando a necessidade de se enxergar no outro para também se compreender velho. Em comum, nota-se a opção por abordar a temática sob um tom de ironia, conferindo mais leveza em ambas as tramas, porém sem perder profundidade.

Se a velhice passa por transformações de compreensão social fortemente agendadas por apelos políticos e econômicos, ela também precisa ser reavaliada em sua amplitude temática nas representações audiovisuais. Norberto Elias (2001) sugere que “talvez devêssemos falar mais aberta e claramente sobre a morte, mesmo que seja deixando de apresentá-la como um mistério” (2001, p. 77). O oportuno debate não se encerra aqui, carecendo de diversas outras análises – também incluindo discussão sobre raça, etnia, gênero, classe social etc; visto que a sociedade brasileira caminha para um prolongamento de sua expectativa de vida e queda da taxa de natalidade. Afinal, como

---

<sup>15</sup> Dados disponíveis no site < <http://hype60mais.com.br/>>. Acesso em 08/10/19.

nos diz Guimarães Rosa em *O Grande Sertão Veredas*, “a gente morre é para provar que viveu”.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Phillippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BACCEGA, Maria Aparecida. O estereótipo e as diversidades. In: **Comunicação & Educação**, São Paulo, set./dez., 1998.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. 4ª ed., Trad. Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec; Brasília: Edunb, 1999.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

CASTELLANO, Mayka e MEIMARIDIS, Melina. Netflix, discursos de distinção e os novos modelos de produção televisiva. In: **Contemporânea. Comunicação e Cultura**. V.14, No 2, maio-ago, 2016.

CASTRO, Gisela; BACCEGA, Maria Aparecida. A velhice na telenovela brasileira contemporânea: fomento ao debate. LOGOS 43, **Dossiê: Cotidiano e Experiência**. Vol.22, No 02, 2o semestre 2015.

CASTRO, Gisela. **O Envelhecimento na Retórica do Consumo: publicidade e idadeismo no Brasil e Reino Unido**. Anais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2015.

DEBERT, Guita. **O velho na propaganda**. Cadernos Pagu, 2003.

\_\_\_\_\_. Metamorfoses da Velhice. In: **Agenda Brasileira – Temas de Uma Sociedade em Mudança** - André Botelho e Lilia Schwarcz (org.). São Paulo: Cia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp, 1999.

DUCROT, O. **Le dire et le dit**. Paris: Minuit, 1984.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Envelhecimento no Brasil do Século XXI: Transições e desafios**. Argumentum, Vitória (ES), v. 6, n.1, p. 6-21, jan./jun., 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1984.

GOFFMAN, Erving Goffman. **A representação do Eu na vida cotidiana**. 10ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Arthur Ituassu (Org.) e Daniel Miranda e William Oliveira (Trad.). Rio de Janeiro: PUC-Rio, Apicuri, 2016.

\_\_\_\_\_. **Quem precisa da identidade?** In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e trad.). Petrópolis: Vozes, 2000, p.103-133.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Tomaz Tadeu Silva (Trad.). Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LOPES, M. I. . **Telenovela brasileira**: uma narrativa sobre a nação. Comunicação & Educação, (26), p. 17-34, 2003.

MACHADO, Ida Lucia. **A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa**. *Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso* [online]. 2014, vol.9, n.1, pp.108-128.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

PONTAROLO, Regina Sviech; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **Terceira Idade**: Uma breve discussão. Publ. UEPG Humanit. Sci., Appl. Soc. Sci., Linguist., Lett. Arts, Ponta Grossa, 16 (1), p. 115-123, jun., 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

**Recebido em 18 de dezembro de 2019**

**Aprovado em 29 de fevereiro de 2020**